



O SR. PRESIDENTE (Elmano Férrer. Bloco/PODE-PI) - Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Declaro, portanto, aberta a Sessão Solene do Congresso Nacional, destinada a comemorar o centenário da Academia Piauiense de Letras.

Compõe a Mesa com esta Presidência, inicialmente, o Deputado Federal Paes Landim, requerente desta sessão juntamente comigo. (*Palmas.*)

Convido também para compor a Mesa a nobre Senadora Regina Sousa. (*Palmas.*)

Convido a Exma. Sra. Margarete Coelho, Vice-Governadora do Estado do Piauí. (*Palmas.*)

Convido também o Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional do Piauí, Sr. Francisco Lucas Costa Veloso. (*Palmas.*)

Convido o Desembargador Federal do Tribunal Regional Federal da 1ª Região, Dr. Carlos Augusto Pires Brandão. (*Palmas.*)

Tenho a honra, agora, de convidar o Presidente da Academia Piauiense de Letras, nobre Sr. Nelson Nery Costa. (*Palmas.*)

Convido também, com muita honra, o membro da Academia Piauiense de Letras e Senador da República, no período de 1987 a 2001, nosso querido e estimável Hugo Napoleão do Rego Neto. (*Palmas.*)

Convido todos para, em posição de respeito, ouvirem o Hino Nacional. (*Pausa.*)

Em seguida, ouviremos o Hino do Estado do Piauí pela linda voz da nossa querida e estimada Myriam Mourão.

(*Procede-se à execução do Hino Nacional.*) (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Elmano Férrer. Bloco/PODE-PI) - Convido todos para continuarmos de pé e ouvirmos o Hino do Estado do Piauí, que será executado pela intérprete Myriam Mourão Eduardo Pereira Conde Medeiros.

(*Procede-se à execução do Hino do Estado do Piauí.*) (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Elmano Férrer. PODE-PI) - Queremos registrar a presença de algumas autoridades, dentre as quais destacamos a do Procurador do Estado do Piauí, Sr. Anderson Vieira da Costa; do Superintendente da Representação do Governo do Estado do Piauí aqui em Brasília, Sr. Roberto John Gonçalves da Silva; do Presidente da Academia Piauiense de Letras, Sr. Nelson Nery Costa; dos membros da Academia Piauiense de Letras, Sr. Afonso Ligório Pires de Carvalho, Sr. Jonathas de Barros Nunes e Sr. Pedro da Silva Ribeiro; do Senador Hugo Napoleão, que está integrando a Mesa; do Conselheiro Federal da Ordem dos Advogados do Ceará, Sr. Celso Barros Coelho Neto; do Presidente da Caixa de Assistência dos Advogados do Piauí, Sr. Rafael Orsano de Sousa; e da nossa querida e estimada cantora Myriam Eduardo.



Dando prosseguimento à sessão, passo a Presidência dos trabalhos à nobre Senadora Regina Sousa, para eu fazer o meu pronunciamento. (Palmas.)

(O Sr. Elmano Férrer deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pela Sra. Regina Sousa.)

A SR^a PRESIDENTE (Regina Sousa. Bloco/PT-PI) - Concedo a palavra ao Senador Elmano Férrer, proponente desta sessão solene.

O SR. ELMANO FÉRRER (Bloco/PODE-PI. Pronuncia o seguinte discurso.) - Sra. Senadora Regina Sousa, Presidente desta sessão, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, ilustres imortais da nossa gloriosa Academia Piauiense de Letras, membros da Mesa já nominados por nós, demais amigos aqui presentes, é sempre fascinante o ser humano, na cortina do horizonte, observar a materialização de um sonho longamente acalentado.

Há 100 anos nascia no Estado do Piauí, fruto do idealismo de um seletº grupo de brasileiros notáveis, a Academia Piauiense de Letras.

Sra. Presidente, fico a imaginar se estivessem aqui, nesta memorável sessão solene do Congresso Nacional, quanta emoção incontida invadaria os corações daquele punhado de homens que, em 30 de dezembro de 1917, plantaram a semente da agora secular Academia Piauiense de Letras.

Citar os nomes deles seria pouco. Por isso, o sentimento de gratidão dos piauienses nos induziu, a mim e ao nobre Deputado Paes Landim, a solicitar a realização desta solenidade de perenização dos nomes desses heróis da cultura piauiense nos Anais do Congresso Nacional.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Senadores, demais queridos e estimados convidados, no distante 30 de dezembro de 1917, no Salão Nobre do Paço Municipal de Teresina, o sonho do jovem Lucídio Freitas tornava-se realidade. Pelas mãos de dez expoentes da intelectualidade piauiense do início do século XX, nascia a nossa Academia de Letras.

Naquela data, lançaram a pedra fundamental da Academia Piauiense de Letras — APL o seu idealizador, Lucídio Freitas, e seu pai Clodoaldo Freitas, que viria a ser o primeiro Presidente da Academia; Higino Cunha e seu filho Edison Cunha; Jônatas Batista; os irmãos Celso Pinheiro e João Pinheiro; Antônio Chaves; Fenelon Castelo Branco; e Baurélio Mangabeira.

A sessão solene de inauguração da Academia ocorreu no mês seguinte, em 24 de janeiro de 1918. Desde então, a Academia Piauiense de Letras tornou-se nossa guardiã da cultura, da educação e do saber e congrega os maiores expoentes do meio cultural do nosso Estado do Piauí.

A exemplo da criação da Academia Brasileira de Letras, em 1897, a fundação da Academia Piauiense de Letras foi um ato de ousadia dos intelectuais da época, que assumiram a partir dali as rédeas das ações culturais do nosso Estado.

Dentre as inovações, a *Revista da Academia Piauiense de Letras* merece destaque. É a mais antiga publicação literária em atividade no



Estado, um importante veículo de difusão do gosto pela Literatura, pela Linguística, pela História e pela Geografia do Piauí, desde sua primeira edição, em junho de 1918.

Sra. Presidente, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, acadêmicos, meus senhores e minhas senhoras, o rol de personalidades da APL traz nomes que enchem de orgulho nosso povo. São poetas, escritores e juristas da estatura do atual e dinâmico Presidente da Academia, Nelson Nery Costa, que exerce magnífica gestão à frente da Academia, conduzindo diversas iniciativas de incentivo à produção entre os acadêmicos e a sociedade piauiense em geral, como a *Coleção Centenário*, por meio da edição de 11 valiosas obras, bem como a reforma da sede da Academia, na nossa Avenida Miguel Rosa, e a instituição do Museu da Cultura Literária Piauiense, que conterá todo o acervo da academia.

Além de congregar figuras importantes para a cultura, as letras e a sociedade piauiense, temos diversos membros do Congresso Nacional imortalizados na Academia Piauiense de Letras, homens que aqui encantaram a todos com o fulgor da inteligência e do brilho literário na atividade parlamentar. Destaco, entre eles, os Senadores Alberto Silva, Hugo Napoleão e Petrônio Portella, e os Exmos. Srs. Deputados Celso Barros, Jesualdo Cavalcanti e Jônathas Nunes, aqui presentes.

Nas fileiras de nossa Academia, há outros piauienses de projeção nacional, a exemplo do cientista, escritor e ex-Diretor do Instituto de Neurologia do Rio de Janeiro, Dr. Deolindo Couto; o economista e ex-Ministro do Planejamento João Paulo dos Reis Veloso; a referência nacional na Psiquiatria, Dr. Eustachio Portela Nunes; e um dos mais brilhantes jornalistas que o Brasil conheceu, o notável Carlos Castelo Branco.

E, antes de finalizar o nosso pronunciamento, não poderia deixar de expressar meus sentimentos e minha consternação com o falecimento recente do nosso querido e estimado Herculano Moraes, brilhante acadêmico que ocupava a Cadeira nº 18 da Academia. Foi Secretário-Geral na atual gestão e faleceu na última quinta-feira.

Filho da cidade de São Raimundo Nonato, era jornalista, poeta, cronista, romancista e crítico literário. Herculano Moraes foi Vereador de Teresina, Secretário de Comunicação Social do Governo do Estado do Piauí e Diretor do Theatro 4 de Setembro. É uma grande perda para a Academia, para a cultura nacional e para o nosso querido Estado do Piauí.

Meus sentimentos aos familiares e aos amigos. Proponho que esta sessão seja também em homenagem ao grande piauiense, nosso querido e estimado Herculano Moraes. (*Palmas.*)

Por fim, Sra. Presidente, senhores e senhoras, o maior patrimônio de uma sociedade é a cultura de seu povo. Portanto, agradeço, em nome do povo do Piauí, a todos os membros da Academia Piauiense de Letras, aos 38 titulares de hoje, aos 112 mortais que os precederam e aos 40 patronos da



querida casa de Lucídio Freitas. Os senhores honram o passado, constroem o presente e semeiam o futuro da cultura do nosso Piauí.

Sra. Presidente, encerro minhas palavras, agradecendo ao Congresso Nacional por esta bela e justa homenagem.

Parabéns à Academia e a toda a sociedade piauiense!

Eram essas as nossas palavras, Sra. Presidente. (*Palmas.*)

A SR^a PRESIDENTE (Regina Sousa. Bloco/PT-PI) - Obrigada, Senador Elmano Férrer.

Antes de passar a palavra ao Deputado Paes Landim, também requerente desta sessão solene, registro a presença dos alunos do Centro de Ensino Fundamental do Recanto das Emas. Bem-vindos e bem-vindas a este plenário! (*Palmas.*)

Devolvo a Presidência ao Senador Elmano Férrer. (*Pausa.*)

(*A Sra. Regina Sousa deixa a cadeira da Presidência, que é ocupada pelo Sr. Elmano Férrer.*)

O SR. PAES LANDIM (Bloco/PTB-PI. Pronuncia o seguinte discurso. Com revisão do orador.) - Quero saudar o eminente Senador Elmano Férrer, que preside esta Sessão Solene e é autor do requerimento para a sua realização em homenagem à Academia Piauiense de Letras, ao seu centenário; a Sra. Senadora Regina Sousa; a Sra. Vice-Governadora do Piauí, Dra. Margarete Coelho; o Presidente da OAB do Piauí, Dr. Lucas Costa Veloso; o nobre Desembargador do Tribunal Regional Federal da 1^a Região Dr. Carlos Pires Brandão; o eminente Presidente da Academia Piauiense de Letras, Dr. Nelson Nery Costa; o membro da Academia Piauiense de Letras e ex-Senador e ex-Governador do Piauí, nosso querido e eterno Senador Hugo Napoleão. Saúdo também o mais jovem juiz federal do Brasil, o ilustre filho de Campo Maior, Dr. Pedro Felipe, mestre graduado em Harvard. Quero saudar os acadêmicos aqui presentes, na pessoa de Jônathas de Barros Nunes e Pedro Ribeiro Jonatas. Jônathas, nobre colega da Faculdade Nacional de Direito, da antiga e saudosa Universidade do Brasil. Pedro é um velho amigo das reuniões aos sábados, na chácara do saudoso Senador Petrônio Portela e sua Natália.

Minhas senhoras e meus senhores, eu não poderia deixar de aplaudir aqui o centenário da Academia Piauiense de Letras, presidida de maneira vibrante e fecunda pelo nosso jovem advogado, ex-Presidente da OAB do Piauí, Dr. Nelson Nery Costa.

Nelson vem de uma tradição familiar de luta e bravura, a começar pelo seu velho avô Gervásio Costa. Eu me recordo, ainda jovem, estudante no Rio de Janeiro, de uma célebre carta que ele escreveu ao então Presidente do Tribunal de Justiça do Piauí, em um protesto corajoso contra decisões que ele considerava violadoras dos princípios constitucionais. Foi uma carta corajosa, à época muita comentada. Daí veio também o espírito de luta de



seu pai, Ezequias Costa, representado aqui hoje na figura da sua ilustre viúva, D. Glorinha, que tive o privilégio de conhecer já há muitos anos.

Ezequias foi um líder combativo na vida pública do Piauí. Bom aluno, foi estudar medicina no Rio de Janeiro. Com a morte de sua mãe, o pai o chamou para tomar conta de uma das fazendas de sua propriedade. Sempre combativo, foi um líder político, sobretudo contra o regime ditatorial de 1937.

O livro em sua homenagem que a Academia Piauiense de Letras fez muito bem em editar *Escritas Reunidas de um Jovem*, traz dois discursos muito significativos da personalidade de Ezequias. A saudação que ele fez ao bravo Desembargador Simplício Mendes, um dos fundadores da Academia Piauiense de Letras, foi uma ode à cultura e coragem cívica do ilustre filho de Miguel Alves.

Simplício foi um grande magistrado, advogado formado nos bons tempos da Escola do Recife. Ele se insurgiu contra a ditadura de Vargas e foi aposentado compulsoriamente em 1937, quando exercia com dignidade as funções de Desembargador do Tribunal de Justiça do Piauí.

Também é de se destacar a saudação de Ezequias Gomes ao Brigadeiro Eduardo Gomes em novembro de 1945, como símbolo da resistência à ditadura, nos idos do mesmo ano.

Eu me recordo dele duro na oposição ao Governo de Chagas Rodrigues, em 1962. Mas, quando Chagas Rodrigues foi injustamente cassado pelo governo militar, em 1969, ele foi o Deputado que mais se insurgiu, mais protestou contra a cassação de Chagas Rodrigues, mostrando seus gestos de justiça, de grandeza e de combate aos regimes autoritários.

Portanto, eu quero parabenizar Nelson Nery da Costa pelo seu excelente trabalho resgatando todo um acervo dos que compuseram e compõem a Academia Piauiense de Letras, hoje aqui nos presenteando com uma Antologia sobre a obra e o perfil dos seus membros, redigida por Wilson Carvalho Gonçalves, nada mais nada menos, genro de Christine Castello Branco, pai do iluminado Carlos Castello Branco.

A Academia, portanto, tem um papel histórico na história do Piauí. Ela foi fundada em 1917 pelo que havia de melhor na elite piauiense, talvez a melhor de todos os tempos. A chamada Geração de Ouro piauiense, como enfatiza Daniel Ciarline na sua obra *A Face Oculta da Literatura Piauiense*. A fundação da Academia teve a presidência inaugural desse notável Clodoaldo Freitas, que era um autêntico membro da Escola do Recife. A Escola do Recife, famosa até os primeiros anos do século XX em virtude dos embates da sua época, inspirados pelo espírito combativo e culto de Tobias Barreto e os seus debates com as figuras mais proeminentes da vida jurídica e intelectual do Brasil.

Sobre Clodoaldo de Freitas, primeiro Presidente, fundador importante da Academia Piauiense de Letras, vale a pena registrar por sinal um trabalho do próprio Clóvis Beviláqua na *História da Faculdade de Direito do Recife*. Ouçamos Clóvis Beviláqua:



Inteligência superior, possuindo largo preparo literário e filosófico, tendo-se ensaiado em várias direções, na crítica das religiões, na política, na história, no romance, no conto e na poesia, foi principalmente jornalista vivaz, solerte, elegante e maleável, para quem não havia assunto árido, e cuja pena mais enriquecia as circunstâncias.

Também outro grande membro ilustre da Academia, um dos seus primeiros membros, foi Higino Cunha. No famoso livro *Da Escola do Recife ao Código Civil*, meu colega de magistério na Universidade de Brasília, Vamireh Chacon ressaltou o seu positivismo.

Na verdadeira antítese final, havia uma grande disputa de ideias filosóficas na Escola do Recife entre ele e o próprio Clóvis Beviláqua. Por isso mesmo, Clóvis o incluiu entre os “discípulos imediatos” de Tobias, definindo-o como “um dos mais capazes de sua geração”: “*Grande talento, blindado por boa cultura literária e filosófica*”. E acrescentou Vamireh Chacon, neste seu livro sobre a Escola do Recife: “*Após Beviláqua, apenas um grande escritor brasileiro deu destaque a Higino Cunha: nada mais, nada menos, que Gilberto Freyre, em seu famoso livro *Ordem & Progresso*, que analisou as origens de suas posições literárias e igualitárias, sob influência positivista e de Tobias Barreto, e, mais ainda, por sua confessada condição de mestiço*”.

Assim foi a fundação da Academia Piauiense de Letras: uma elite baseada, principalmente, na Escola do Recife, na tradicional Faculdade de Direito de Olinda e depois de Recife. Naquela histórica reunião na casa de Clodoaldo Freitas resolveram fundar a Academia Piauiense de Letras.

Vejamos outros membros da saga histórica: Félix Pacheco, que chegou a ser Membro da Academia Brasileira de Letras; depois, foi Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Chanceler da República e Diretor e Redator principal de um dos mais importantes jornais da época, o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro.

Nosso poeta, da Costa e Silva, também estava nesta reunião magnífica na casa de Clodoaldo Freitas, assim como Amélia de Freitas Beviláqua — esta piauiense que foi casada, nada mais, nada menos, com Clóvis Beviláqua, o autor do Código Civil Brasileiro de 1917 e um dos grandes expoentes da Escola do Recife, Consultor Jurídico do Itamaraty; uma figura marcante da história do Direito Brasileiro. Também estava presente Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, que veio a ser, depois da redemocratização de 1945, Senador da República.

Foi a elite piauiense que participou da reunião na casa de Clodoaldo Freitas e depois se incorporaram, a seguir, como membros da Academia Matias Olímpio de Melo, juiz federal — naquela época, o Brasil tinha um juiz federal em cada Estado, e Matias Olímpio foi juiz federal do Acre, Governador do Estado do Piauí, juiz federal na Bahia e, por dois mandatos, Senador da República! Um homem culto, preparado, que honrava o Piauí e os políticos



brasileiros. Aliás, Nelson Nery Costa nos brindou, na sua gestão à frente da APL com a reedição do belo livro de Mathias Olympio, *Falando e Escrevendo*, na Coleção Centenário da Academia. Num discurso de recepção na Academia, ao descrever “o juiz moderno”, o ilustre piauiense falou de si próprio:

Só a cultura aliado ao caráter fortalece o espirito e forma o bom juiz. Bordando já, de outra feita, estas deias, perante amigos meus, no remoto Tarauacá, acentuei que o conhecimento do ofício tranquiliza o artífice e faz varrer a dúvida, que gera a timidez. O temor do erro é causa do próprio erro. O saber infunde coragem e o juiz completo seria aquele que estando senhor do direito o aplicasse sem vacilação, como se ministrasse um sacerdócio.

Aqui, também, não posso deixar de citar o velho Simplício Mendes, desembargador da Escola do Recife, que se insurgiu quando da ditadura de Vargas e foi aposentado compulsoriamente do Tribunal de Justiça do Estado do Piauí.

Arimathéa Tito foi outro desembargador, também, da Escola do Recife, aposentado compulsoriamente no Regime de Vargas, após o Estado Novo de 1937.

Logo após a morte de Nogueira Tapety, que foi um dos seus fundadores, em janeiro de 1918, foi então escolhido para sucedê-lo a figura deste exemplar desembargador, pela integridade moral e saber jurídico. Cristino Castello Branco, que veio a ser pai do nosso grande jornalista, um dos maiores do Brasil, de todos os tempos, Carlos Castello Branco.

Entretanto, a figura central, ideológica, interessante da criação da Academia foi nada mais, nada menos que um gênio chamado Lucídio Freitas, que viveu apenas 26 anos de idade. É impressionante, com a idade que tinha, ter chegado ao nível de conhecimento que ele tinha da filosofia, da poesia, da literatura, da história, do direito, enfim.

Tanto é assim que Cristino Castello Branco, que o conheceu, claro, pessoalmente, na casa do pai dele, Clodoaldo Freitas, traz uma definição fantástica de Lucídio Freitas. Vale a pena ler essa definição que Cristino Castello Branco fez.

Dizia ele sobre Lucídio de Freitas:

O poeta louro de tantos versos sonoros, iluminados e ótimos, tinha um encanto pessoal irresistível: bonito, amável, simples, alegre, comunicativo, bem educado, trajando com esmero causeur delicioso, pleno de elegância, de graça, de espírito, de finura e distinção, parecia um ser à parte, baixando do Olimpo à terra.

Vejam a definição que este honrado desembargador, este homem de uma seriedade ímpar, formal por excelência, que é Cristino Castello Branco, dá a Lucídio Freitas, que faleceu com menos de 27 anos de idade. Imagine o



futuro que não tinha esse jovem fantástico! Mas o destino lhe roubou a vida prematuramente.

Então, a Academia nasceu num momento expressivo do idealismo da elite piauiense, talvez um dos momentos gloriosos de todos os seus tempos.

Quero aqui ressaltar, ao largo da sua história, membros que foram escolhidos por ela. Quero destacar aqui o nosso próprio Carlos Castello Branco, também da Academia Brasileira de Letras. A propósito, permita-me citar o depoimento do seu melhor biógrafo, o notável jornalista Carlos Marchi — *A dura vida do jornalista Carlos Castello Branco* —, que depois de comentar a sua posse na Academia Brasileira de Letras, cuja solenidade tive o privilégio de comparecer, assim escreveu:

Um ano depois, ele seria eleito para a Academia Piauiense de Letras, sendo recepcionado em 26 de setembro de 1984 para ocupar a Cadeira número 15, na qual sucedeu a seu pai, Chistiano Castello Branco. Seu discurso de posse foi bem mais emocionante que o da ABL, pois nele pôde falar de sua família, de si mesmo e de sua terra. Nesse dia, Castelinho foi farto nas homenagens, E desconfia-se que ele estava mais à vontade e que sua alegria foi maior.

Odylo Costa Filho, da Academia Brasileira de Letras, um grande jornalista, um dos maiores também do Brasil; o superlativamente inteligente Petrônio Portella, que a coleção Centenária homenageou com o importante livro de Osvaldo Nunes, que transcreve os mais belos depoimentos sobre a vida desse excepcional piauiense; Reis Veloso; Paulo Nunes, Celso Barros, esse agressivo combatente da liberdade e da democracia e do recém falecido e meu querido amigo Herculano Moraes, a quem renovo minha saudosa homenagem. Aqui entre nós, o nosso querido Senador Hugo Napoleão, de uma família de intelectuais.

O pai de Hugo Napoleão, o velho Aluízio Napoleão, foi um notável diplomata, primeiro Embaixador do Brasil na China continental. Fiquei muito orgulhoso quando visitei Pequim na companhia do Vice-Presidente da República José Gomes da Silva, em 2004. Fomos almoçar na Embaixada do Brasil em Pequim, e, entre os retratos dos Embaixadores do Brasil na China comunista, o primeiro era exatamente o de Aluízio Napoleão. Lá Aluízio Napoleão foi contemporâneo, colega no mundo diplomático, de nada mais, nada menos que George Bush pai, que viria a ser o Presidente dos Estados Unidos.

Hugo Napoleão se encontrava numa missão diplomática brasileira com Fernando Henrique Cardoso no Canadá, em reunião da Cúpula das Américas, quando o Presidente George Bush, filho, sabendo dessa relação de amizade de Aluízio Napoleão com o pai, convidou Hugo Napoleão para retomar a plena cidadania americana.

Mas Hugo agradeceu o convite, preocupado, na certeza de que “*o Piauí não poderia aceitar isso, poderia achar uma discriminação com o seu*



Estado". Mas foi esse o gesto do Presidente Bush, filho: queria que Hugo reincorporasse a cidadania americana, porque ele nasceu em Oregon, onde seu pai era o Coronel brasileiro.

Uma família de intelectuais, de que fazia parte, também, o grande poeta Martins Napoleão, seu primo legítimo, que veio a ser reconhecido nacionalmente pela qualidade de sua poesia.

A Academia tem um papel importante na história do Piauí. Não posso deixar, portanto, de prestar minhas homenagens a Nelson Nery Costa, que na sua visão da história do Piauí e do Brasil, editou a obra *Caatingas e Chapadões*, de Assis Barbosa, obra importante para o conhecimento da nossa realidade piauiense. Nelson tem transformado a Academia naquilo que Cristino Castello Branco falou da casa de Clodoaldo Freitas. A casa dele foi o ambiente de onde irradiou a ideia da fundação da Academia. Ele dizia, para concluir, que a casa de Clodoaldo Freitas era a casa da *"inteligência, da cultura e da espiritualidade"*. Foi lá que nasceu, portanto, a Academia Piauiense de Letras.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Elmano Férrer. Bloco/PODE-PI) - Concedo a palavra ao Sr. Nelson Nery Costa, muito digno Presidente da Academia Piauiense de Letras.

O SR. NELSON NERY COSTA - Exmo. Sr. Senador Elmano Férrer, digníssimo representante do Piauí na Casa Alta; Exma. Sra. Senadora Regina Sousa, que muito nos honra, inclusive porque representa a proximidade do Novo Nilo, em União, minha colega de ideologia e de amizade; Exmo. Sr. Deputado Federal José Francisco Paes Landim, sempre amigo, sempre representando, sempre discutindo o Piauí nesta Corte; Exma. Sra. Vice-Governadora Margarete Coelho, minha amiga que honra o Piauí e as mulheres pela representatividade do seu cargo — oxalá continue como tal!; Exmo. Sr. Desembargador Federal Carlos Augusto Brandão, meu amigo, meu parente também; Exmo. Sr. Presidente da OAB, Seccional do Piauí, Dr. Francisco Lucas — tive a honra de ser seu professor, mas agora já está superando o mestre de longe; Exmos. Srs. Acadêmicos Hugo Napoleão, Senador nesta Casa, Pedro da Silva Ribeiro, Afonso Ligório e Jônathas Nunes, que também foi Deputado no Congresso Nacional, representantes dos 40 patronos e dos 148 acadêmicos ao longo do tempo; invoco também, em espírito, o nosso amigo Herculano Moraes; meus familiares, minha mãe Glorinha, bonita, 90 anos, esposa do ex-Deputado Federal Ezequias Costa; meu amor Lavínia, minha filha Alice, meu tio Aquiles e meu quase genro Antônio Augusto; autoridades aqui presentes, piauienses, escritores, amantes dos sonhos, senhoras e senhores, de que matéria são feitos os sonhos? De que átomos? De que estrutura ou composição? Ou não é preciso aprisionar os sonhos com palavras tediosas e quase sempre sem sentido? Basta que existam ou se precisa ir além? Podem ser o caminho para a objetividade, para a executividade e para que exista algo além das palavras?



Max Weber, econômico de belas imagens, disse que só se consegue o possível sonhando com o impossível. Quem teve o sonho, o primeiro sonho a ser sonhado, foi Lucídio Freitas, com 23 anos de idade, à época de férias dos estudos da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, onde eu também colei grau, hoje Faculdade Nacional de Direito da UFRJ.

Dele se dizia um homem bonito e luminoso, ao mesmo tempo terno, gentil, educado, carismático, fleumático, alguém capaz de encantar qualquer um que dele se acercasse apenas pelo sorriso ou por uma palavra bem colocada. Esse jovem de 23 anos fez tudo acontecer, pois, na época, a fundação da Academia Piauiense de Letras, em 30 de dezembro de 1917, significava o novo, a luta contra o clericalismo, as primeiras abordagens sobre o marxismo e a aceitação da mulher em condições iguais às dos homens, tanto que logo abrigou Amélia Beviláqua entre suas cadeiras, quando a Academia Brasileira de Letras não permitiu sequer que a esposa do magistral jurista cearense Clóvis Beviláqua pudesse ser inscrita para concorrer a uma vaga.

Logo foram juntadas pessoas fundamentais na vida local política e cultural, como dois ex-integrantes da Junta Governativa de 1892, no caso Clodoaldo Freitas e Higino Cunha, também jornalistas e polemistas, o jurista e Desembargador Fenelon Castelo Branco, escritor, com o mérito do contista e crítico João Pinheiro e os poetas Celso Pinheiro, Jônatas Baptista, Antônio Chaves e Baurélio Mangabeira. Eram homens de fibra, sem dúvida, tanto que eles construíram o amanhã. E mais ainda: eram sonhadores.

Ao grupo inicial veio o Senador Abdias Neves, jurista, historiador e romancista; o fundador da Justiça Eleitoral Brasileira, João Crisóstomo Cabral; o editor do *Jornal do Commercio*, no seu auge, no caso Félix Pacheco, também Senador e chanceler; o pai do magistral jornalista Castelinho, o escritor Cristino Castelo Branco; o inigualável contador de história que foi Esmaragdo de Freitas, igualmente Senador; e o poeta da saudade, Da Costa e Silva, pai do acadêmico da Academia Brasileira de Letras, Embaixador Alberto da Costa e Silva, e autor da letra do hino belíssimo cantado há pouco por Myriam Eduardo Conde Medeiro. Mais adiante, a Academia Piauiense de Letras contou em seus quadros com Petrônio Portella, Senador por várias legislaturas e Presidente do Senado por mais de uma vez, o grande artífice da redemocratização do Brasil no final do século passado.

Em meio aos relevantes Presidentes que a Academia Piauiense de Letras teve, destacaram-se Mathias Olympio de Mello, que exerceu o cargo ao mesmo tempo em que era Governador do Estado, depois também Senador; o Consultor Jurídico do Banco do Brasil e grande poeta Martins Napoleão; o líder político da UDN e Desembargador Simplício de Sousa Mendes; a inteligência superior e o maior de todos, que foi Arimathéa Tito Filho, também tendo o maior tempo na Presidência, assim como o Prof. Manoel Paulo Nunes, verdadeiro fundador da Universidade Federal do Piauí;



o jurista com mais de 20 verbetes na Enciclopédia Saraiva, Celso Barros Coelho, igualmente relator do *Livro V - Direitos das Sucessões* do Código Civil, de 2002; e Reginaldo Miranda, pelo seu plano editorial.

Não se passam 100 anos em um átimo, mas a construção de dia sobre dia, como se colocassem tijolos de adobe para se levantar uma catedral, ao longo de 36.500 dias e alguns minutos, com a paciência igual à dos artistas que pintaram os paredões da Pedra Furada, com a arte dos primeiros brasileiros, 50.000 anos atrás, na região de São Raimundo Nonato, hoje no Município de Coronel Dias. Não só uma tradição como a do Nordeste, mas também como outras mais, com novas interpretações sobre o mundo material e o mundo dos espíritos em que viviam, lançando o Piauí na história, ou melhor, na pré-história antes de todos os demais, como foram comprovadas pela arqueóloga Niède Guidon em suas escavações, glória da ciência nacional.

Também foi com paciência que o Piauí se formou, desde a Freguesia de Nossa Senhora da Vitória da Mocha, em 1697, na nossa eterna Capital Oeiras, passando pela Capitania de São José e pela Província do Piauí, hoje o Estado-Membro que está representado na Bandeira Nacional pela estrela Antares, sempre clara ao amanhecer. Foi com tenacidade e perseverança que o Piauí conseguiu evitar a cisão brasileira por duas vezes, tanto na Batalha do Jenipapo, em 13 de março de 1823, como na resistência local, na época da Balaiada. Foram seus filhos que por último retornaram do Paraguai, já com a guerra bem findada, como fiança da coragem sertaneja, saudados que foram pelo próprio Imperador D. Pedro II e pelo seu Conselheiro Marquês de Paranaguá, e sempre prontos para outros combates.

Toda a virtude cívica que o Piauí e os piauienses tinham, além do combate às ideias retrógradas da então Igreja Católica, desembocou no movimento pela criação da Academia Piauiense de Letras, na sala do Conselho Municipal, hoje em frente à Praça da Bandeira, que logo levou à sua instalação, em 24 de janeiro de 1918, então o Dia do Piauí, hoje alterado para 19 de outubro, e a duas Proclamações pela Independência, uma em Oeiras e a outra em Parnaíba, do sul ao norte do Estado. A Academia Piauiense de Letras surgiu como uma novidade, como uma brisa leve no ar e como um lume na escuridão da noite. Veio para juntar os homens de letras e agregar as ideias e os sentimentos. Como disse o poeta Torquato Neto, que dela não fez parte: “*Vai bicho, desafinar o coro dos contentes*”.

A Academia Piauiense de Letras olha o passado, mas mira especialmente o futuro e o que mais pode ser feito pela cultura, pela história e pela literatura local. Também em 2018, completa 100 anos a *Revista da Academia Piauiense de Letras*, com 65 livros lançados e duas edições por lançar agora. Ao mesmo tempo, sua sede completou mais de 30 anos como centro da cultura do Piauí e pelo seu auditório os mais importantes escritores falaram e as mais significativas obras foram lançadas. Agora esse ano foi inaugurado o Museu da Cultura Literária Piauiense. No seu moderno site, vão



ser disponibilizadas 50 obras, em PDF, para acesso livre, além de ele se tornar importante veículo de comunicação com os jovens, com a periferia de Teresina e com o interior do Estado.

No plano editorial, há pouco a *Coleção Centenário* chegou ao seu centésimo número, com as mais importantes obras sobre o pensamento do Piauí, quase sem precedentes no Brasil, inclusive com a participação de diversas instituições como a Gráfica do Senado, a Editora da UFPI, a Fundação Cultural Monsenhor Chaves de Teresina, o SIEC e a Secretaria de Cultura do Estado. Também para os inéditos, a *Coleção Século XXI* chegou ao 20º número e continua crescendo. Ainda houve a *Coleção 100 Anos*, cujo um dos exemplares está sendo ofertado aos senhores, *Antologia da Academia Piauiense de Letras*, de Wilson Carvalho Gonçalves, com a biografia de quase 200 escritores e piauienses ilustres.

Por fim, até o final do ano, deve ser lançado um concurso para os alunos do ensino médio e o Seminário Piauí 2100, com um olhar sobre o futuro de nossa terra.

Da Costa e Silva, poeta maior do Piauí, talvez pensando na própria Academia Piauiense de Letras disse — é um poema pouco conhecido dele:

Não fujas ao destino, nem te afastes
Da rota que te foi traçada um dia,
Que a vida de surpresas e contrates
Tem de ser fatalmente o que seria.
O tempo, inutilmente, não no gastes
Em rumo oposto à estrela que te guia;
(...)

Cem anos não são 100 dias, são uma vida inteira e mais alguma coisa; 100 anos é a memória, o passado, a lembrança e também a certeza de que mais 100 anos ainda precisam ser vividos para mais 100 anos se contar na frente.

Muito Obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Elmano Férrer. Bloco/PODE-PI) - Concedo a palavra à nobre Senadora Regina Sousa.

A SR^a REGINA SOUSA (Bloco/PT-PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão da oradora.) - Sr. Presidente Elmano Férrer, quero cumprimentar V.Exa. e o Deputado Paes Landim pela ideia de realizarmos esta sessão solene.

Quero cumprimentar a nossa querida Vice-Governadora Margarete Coelho, sempre ligada ao tema das Letras; o meu querido Nelson Nery Costa, Presidente da Academia Piauiense de Letras; o Chico Lucas, nosso Presidente da OAB; o Desembargador Carlos Augusto Pires Brandão, um companheiro de viagem; o Sr. Hugo Napoleão, ex-Senador e membro da Academia Piauiense de Letras; o Prof. Jonatas; a D. Glorinha, mãe do Nelson Nery; e os demais convidados aqui presentes.



Começo lembrando que nós estamos no ano do centenário de Antônio Cândido, que via a Literatura como um direito universal e o estudo e a criação como atos libertadores. É muito importante o que disse Antônio Cândido, que faleceu no ano passado e que, neste ano, faria 100 anos.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares, acadêmicos, cidadãos que nos acompanham por nossos canais de comunicação, celebrar 100 anos da Academia Piauiense de Letras, como o próprio Nelson Nery já disse, é história. Há muita história para contar. Já estão sendo contadas em livros, e muitos virão.

Eu quero lembrar que 1917, ano da fundação da Academia Piauiense de Letras, foi um ano explosivo no mundo inteiro e também no Brasil. E eu fico imaginando o que se passava na cabeça das pessoas, dos intelectuais — ainda não eram acadêmicos — que, em 30 de dezembro de um ano tumultuado, em meio a tantos acontecimentos importantes e graves, resolveram dar uma pausa nos preparativos da passagem de ano, para criar um grêmio literário e discutir um tema até hoje considerado menos importante por muita gente.

Em 1917, o planeta vivenciava a sua Primeira Guerra Mundial; a Revolução Russa foi iniciada; o Czar foi deposto e um governo provisório, liderado por Lenin, foi implantado; trabalhadoras e trabalhadores brasileiros cruzaram os braços e fizeram a primeira greve geral de nossa história, que durou 30 dias.

Penso que ali, naquele longínquo ano de 1917, os intelectuais devem ter percebido que, num mundo em que o diálogo entre as culturas se fazia com os estrondos dos canhões e o silêncio frio das baionetas, a literatura furava os bloqueios dos egocentrismos extremos e promovia encontros de pensamentos diferentes. Eu também penso assim: a literatura é capaz de promover esses encontros.

Por isso, eu quero comunicar aos senhores que, em 2016, apresentei o Projeto de Lei do Senado nº 158, prevendo que cada sala de aula da educação infantil e dos cinco primeiros anos do ensino fundamental passe a contar com um pequeno acervo de livros paradidáticos e de literatura infantil.

A minha intenção é incentivar e facilitar o acesso de professores e alunos aos livros que falem da cultura universal, brasileira, regional e local, democratizando o acesso aos livros, incentivando a prática da leitura e da consulta bibliográfica, pois acredito que o livro seja o mais valioso ingrediente da receita que garante a qualidade dos processos educativos.

Esse projeto está andando devagar. Já estamos em 2018. Como eu disse, vejam a importância que se dá ao tema!

Esse ingrediente deve não somente ser adequado, mas também estar prontamente disponível para os alunos na própria sala de aula, não apenas na biblioteca. Os alunos dificilmente vão à biblioteca. Eles chegam na hora de entrar na sala de aula e saem correndo na hora em que a campainha toca, para ir embora. Então, o livro tem que estar na sala de aula, para os alunos o



manusearem e sentirem vontade de saber o que está escrito ali. Inclusive, isso desburocratiza as bibliotecas.

Em março, apresentei o Projeto de Lei do Senado nº 136, para determinar que a literatura de cordel, o repente e demais cantos de improviso característicos da cultura brasileira passem a figurar como temas obrigatórios nos currículos da educação básica.

A literatura de cordel, geralmente apresentada na forma de folhetos, tornou-se um dos gêneros literários mais populares no Brasil, pois tem raízes na tradição oral e fala de coisas do cotidiano, da mitologia, da religiosidade popular e das histórias de vida de personalidades conhecidas. O cangaço, a seca, o coronelismo político são temas recorrentes da literatura de cordel, que vem sendo cada vez mais estudada e venerada como gênero literário rico e de grande relevância para a constituição da identidade cultural brasileira. É difícil conhecer um brasileiro que não tenha tido contato com o cordel em algum momento da vida. Mesmo assim, o universo cordelista ainda sofre preconceitos e quase não está presente nas salas de aula.

Para mim, estudar o cordel e o repente na escola significa ter contato com o mundo da poesia a partir do cotidiano, com uma carga de significados que dificilmente outra forma literária tem no Brasil, especialmente no nosso Nordeste, onde o cordel é a porta de entrada para o mundo da literatura e pode ser o mote para a criação do hábito de leitura para milhões de brasileiros.

Inclusive, faço uma pergunta: nós temos algum cordelista ou repentista numa Academia? Temos que trabalhar nesse sentido. Esse projeto tem a ver com isto: eles precisam se tornar mais conhecidos.

Está provado — inclusive com experiências do Promotor Chico de Jesus, que viajou conosco no mesmo avião — que os meninos aprendem melhor com o cordel. Ele está trabalhando a Lei Maria da Penha por meio do cordel. Ele disse que os meninos aprendem a fazer a rima. Ele dá o mote, e os meninos fazem a rima de acordo com o conteúdo da Lei Maria da Penha. Isso é algo fantástico, que nós temos que incentivar.

Todas essas manifestações culturais são recepcionadas nos objetivos da nossa proposição, que visa oferecer, nos currículos da educação básica, o lirismo de forma mais próxima do dia a dia das pessoas. Junto com o aprendizado da poesia, da rima, da expressão oral, a literatura de cordel e o improviso podem ser importantes aliados para o conhecimento da diversidade brasileira, para o exercício da tolerância e para o fortalecimento dos laços que ligam nosso povo à língua portuguesa e à nossa civilização dos trópicos, como queriam os pioneiros da Academia Piauiense de Letras, já em 1917, assim como os ocupantes atuais.

Entendo que quem se dedica a escrever, seja em verso, seja em prosa, quer expressar seus sentimentos mais profundos, seja o sentimento em relação aos outros, seja o sentimento do mundo. E o faz com a verdade da alma.



É com essa verdade que se faz necessário, hoje, recontar a história do Brasil. Espero que algum acadêmico o faça, principalmente os historiadores, para que as nossas crianças não continuem aprendendo, por exemplo, que a escravidão foi abolida há 130 anos, ao tempo em que presenciam ou são vítimas de trabalho escravo no campo e na cidade em tempos atuais.

Por fim, Sr. Presidente, eu não poderia terminar este pronunciamento sem fazer aqui uma homenagem ao acadêmico Herculano Moraes, nosso poeta, ensaísta, cronista, contista, romancista e crítico literário — ele foi meu professor —, falecido há poucos dias.

Em nome de Herculano Moraes, por meio de seus versos, rendo homenagens à memória dos pioneiros daquela Casa de Imortais e saúdo seus atuais ocupantes.

Diz Herculano em seus versos:

Não escreverei teu nome na areia.
O vento varre as palavras,
e elas nunca se perpetuarão.
Escrever teu nome no tronco de uma árvore?
eis o enigma desta vã filosofia.
Até que a morte nos separe pelo assassínio da ecologia.
Escrever teu nome, nos granitos, no cimento, nas nuvens, nos muros
rabiscados, talvez não seja a forma exata de te imortalizar.
Escreverei teu nome, sim, na folha indecifrável da memória, pois só
assim este amor sem preconceitos e limites ficará para a história.

Muito obrigada. (Palmas.)

DISCURSO NA ÍNTegra ENCAMINHADO PELA SR^a SENADORA REGINA SOUSA.

*(Inserido nos termos do art. 203 do Regimento Interno do Senado Federal,
primeiro subsidiário do Regimento Comum.)*

O SR. PRESIDENTE (Elmano Férrer. Bloco/PODE-PI) - Agradeço as palavras da nobre Senadora Regina Sousa, ao tempo em que concedo a palavra ao estimado Senador que pertence a esta Casa, Hugo Napoleão, membro da nossa Academia Piauiense de Letras.

O SR. HUGO NAPOLEÃO - Meu caro Presidente desta sessão, Senador Elmano Férrer; Senadora Regina Sousa; Deputado Federal Paes Landim, que fez, aliás, uma bela saudação, recordando a vida do meu pai, o saudoso Embaixador Aluizio Napoleão, também membro da Academia Piauiense de Letras, como o meu tio-avô Martins Napoleão — Paes Landim é, na realidade, um viandante que carrega duas entidades: um cérebro de um jurista e um magnânimo coração —; Dr. Nelson Nery Costa, estimado e eficientíssimo Presidente da nossa Casa, cujo pai, Deputado Federal Ezequias Costa, foi um dos meus introdutores na vida pública, e Dona



Glorinha, aqui presente, Dr. Francisco Lucas, Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil Seccional do Estado do Piauí, Dra. Margarete Coelho, exímia advogada e Vice-Governadora do Estado do Piauí, com quem sempre se aprende, e Exmo. Sr. Desembargador Federal Carlos Augusto Brandão, dileto, especial amigo, grande magistrado; minhas sinceras homenagens.

Quando Paes Landim citou meu saudoso pai, eu lembrei que um dia eu lhe disse: *“Meu pai, a maior parte da minha produção é de livros de meus discursos na Câmara dos Deputados e no Senado da República. Em verdade, eu devo dizer que tenho pouca produção que não seja discursos”*. Ele disse: *“Mas, meu filho, a oratória é uma forma de literatura, vide Cícero”*.

Eu quero saudar aqui meus colegas Afonso Gregório, Pedro Ribeiro e Jonathas Nunes, a todos os acadêmicos, Dr. Fernando Conde Medeiros, filho do meu saudoso e dileto amigo, Governador José Raimundo Bona Medeiros, e sua Miriam, que tão bem se expressou no Hino do Piauí, nos acordes e na letra de Da Costa e Silva, poeta maior. Como já foi lembrado aqui pelo Presidente da Academia Piauiense de Letras, Nelson Nery Costa, cujo filho é membro da Academia Brasileira de Letras, tem uma magnífica obra sobre a África e dois netos que são embaixadores do Brasil na Europa, um deles em Helsinque, na Finlândia.

Eu gostaria de dizer às senhoras e aos senhores presentes que começo lembrando Herculano Moraes, com saudade. Ele vivia da Academia e para a Academia, com aquele espírito, bem lembrado pela Senadora Regina Sousa, que fazia realmente diferença. Eu tenho dele duas lembranças, que são dívidas de minha parte: ele custeou do próprio bolso nos idos de 1982 os cartazes da minha pré-candidatura ao meu primeiro Governo no Estado do Piauí e no centenário de meu pai prestou uma magnífica homenagem no Livro nº 95 da nossa Academia Piauiense de Letras. Eu estava em Teresina e, infelizmente, só fui saber tarde, mas fiquei numa profunda tristeza e fiz as preces de católico praticante que sou.

Gostaria de dizer que também é uma honra voltar a esta tribuna, depois de tantos e tantos anos — aqui foi lembrado —, de 1987 a 2001, quando eu fui ocupar, pela segunda vez, o Governo do Piauí. A tribuna me faz falta, por isso hoje eu gosto de desempenhar minha profissão de advogado, onde tenho, no Supremo Tribunal Federal, no Tribunal Federal da 1ª Região, no Tribunal de Contas da União e no Superior Tribunal de Justiça, minha atividade. Eu digo que a tribuna me faz falta.

Este é um momento confortante para mim, dentro do meu contexto, Sr. Presidente Elmano Férrer, que tantas e reiteradas demonstrações de apreço me tem oferecido. Aqui já foi muito bem-dito, a respeito do Conselho Municipal de 20 de dezembro de 2017, com Clodoaldo Freitas, Hygino Cunha, João Pinheiro, Lucídio Freitas, Fenelon Castelo Branco, aos quais se juntaram Matias Olímpio, Nogueira Tapety, Arimathéa Tito. Aliás, eu cheguei às mãos da Academia na Presidência de Arimathéa Tito Filho, articulado com



o hoje acadêmico e colega Jesualdo Cavalcanti Barros — estimado amigo, que foi até recentemente Prefeito de Corrente.

Afinal, quero dizer que esta Casa de Notáveis se reuniu, no jubileu de prata, com Martins Napoleão, meu tio; com Cristina Castelo Branco e, mais adiante, no Centenário, já contando com — eu tive a honra de ser colega dele na Câmara dos Deputados — o jurista Celso Barros Coelho; M. Paulo Nunes, outro prócer impecável, com artigos maravilhosos, com uma linha literária fantástica, cujo filho é o Comandante Raimundo, que todos conhecem e que foi até Comandante de DC-10 da VASP para o exterior e hoje detém uma das empresas de aviação no Aeroporto de Teresina.

E, no Jubileu de Ouro já estavam presentes Simplício Mendes, Wilson Brandão, Raimundo Nonato Monteiro de Santana — como foi lembrado, aqui está seu sobrinho —, Nerina Castelo Branco, sempre admirada.

Arimathéa Tito filho chegou a dizer: “*A Academia vive, mas não tem teto*”. Eu disse: “*Não seja por isso*”. Conseguí, no meu Governo, então, promover aquilo que foi lembrado aqui pelo Presidente Nelson Nery Costa: a doação, através de lei encaminhada à augusta Assembleia Legislativa do Estado do Piauí, do prédio que hoje, na Avenida Miguel Rosa, abriga a Academia, o plenário Wilson Nunes Brandão — outro grande acadêmico, pai do nosso querido amigo Deputado Wilson Brandão.

Afinal, lá estão, sem dúvida nenhuma, volumes de um belo repositório. Quero fazer referência, em seguida, ao trabalho de informática e cibernética que o Presidente Nelson envolve a nossa casa.

No meu livro *Fatos da História do Piauí*, já em segunda edição, falo essa maravilhosa brasiliade dos piauienses, que exercem a piauiensidade com intensidade, porque, em três episódios, foram rigorosamente fantásticos.

Um desses episódios é justamente a Independência do Brasil. No sul pode ter havido festas. A “*independência ou morte*” foi cantada em verso em prosa, mas no Piauí deu-se uma guerra, pois Portugal lá deixou o Brigadeiro-Mor João José da Cunha Fidié para tentar manter o Norte e o Nordeste do Brasil em mãos de Portugal. O encontro em Campo Maior foi justamente na Batalha do Jenipapo. Os portugueses foram dormir; os brasileiros, piauienses, sequestraram-lhes as munições e os derrotaram, impondo a sua ida para José de Freitas.

Aliás, eu quero dizer que o Município de José de Freitas, onde votei a minha vida inteira, tem o nome do meu bisavô, avô de meu pai. Existe até o livro *Meu Avô José de Freitas* sobre a história da família.

As tropas perseguiam Fidié para José de Freitas, então, Livramento; União, então, Estanhado. E, de lá os empurraram para Caxias, no Maranhão, onde, Fidié capitulou, rendeu-se. E nesse dia nasce Gonçalves Dias, que anos depois escreve sobre esse episódio da capitulação de Fidié um magnífico verso, tecendo loas à brasiliade. E também se juntaram cearenses a esse episódio da Independência.



Outro episódio citado aqui foi a ida de Voluntários da Pátria à Guerra do Paraguai, da qual, já no seu final, regressaram ao Piauí, capitaneados pela heroína Jovita Feitosa.

Houve também a presença do Piauí na Balaiada, dos irmãos Beckman, os chamados “Bequimão”. Na Balaiada, no Maranhão, os piauienses tiveram presença.

De modo que o piauiense é um forte, como diria Euclides da Cunha, em *Os Sertões*. O piauiense é um forte, porque deu sua vida. O piauiense e a piauiense deram sua vida para manter a unificação desses 8,5 milhões de quilômetros quadrados que compõem o território brasileiro.

Quero fazer referência agora, para encerrar as minhas palavras, a um fato curioso. Fui Ministro das Comunicações, no Governo do Presidente Itamar Franco, época em que nasceu o telefone celular. E, graças aos técnicos da então TELEBRAS, EMBRATEL e o sistema de teles, que, depois, por iniciativa do Presidente Fernando Henrique Cardoso, foi privatizado, e até democratizado, não há hoje quem não tenha celular como parte da indumentária, como se fosse um cinto que a pessoa carrega ou uma bolsa que as senhoras usam.

Mas, afinal de contas, estava em franca queda o telex, que substituía o telegrama com eficiência. Estava em franca queda o telex e em grande ascensão o fax. Eis que senão quando hoje o fax ladeira abaixo e a informática e a cibernética, através dos *e-mails* e dos WhatsApps da vida estão ascendentes. É aí que eu quero inserir ao Presidente Nelson Nery Costa que ele está justamente fazendo a adequação desse sistema novo, além do livro, que para nós é indispensável, o livro físico, mas a cibernética hoje funciona.

E eu estou acabando de ler, não terminei, faltam umas 50 páginas, um livro de Dan Brown, *Origem*. Através de Edmond Kirsch, um dos seus professores, e do Prof. Langdon, numa imaginária Espanha, em Madri e também em Barcelona, o Rei já está quase à morte e o Príncipe Juliano com sua noiva Ambra iriam reinar na Espanha. Ele convoca o bispo espanhol, convoca um rabino, salvo engano, da Croácia, e convoca um muçulmano do Golfo Pérsico, para mostrar que o mundo era outro. Houve a evolução da espécie, desde a teoria de Darwin até o homem de Neandertal, até o *homo sapiens*, mas, daí por diante, nos próximos 50 anos, nós seríamos absorvidos pela nossa criação: o computador. E a bolha negra do computador nos engolia, seres humanos da bolha azul, ficaria uma bolha roxa, que seria a mistura, um ser humano com uma capacidade monumental de raciocinar. Não cheguei ao final, mas está aí. E é a prova de que o tema é atualíssimo. Veja a informática cibernética, os “éis” que estão hoje regendo a nossa vida.

Nada mais me resta senão agradecer a distinção e a possibilidade de voltar, volver à tribuna do Senado da República, que eu tanto utilizei no passado, como Líder que era do meu Partido da Frente Liberal, o chamado Democratas. Fui Presidente depois do saudoso, querido amigo Marco Maciel.



Eu digo saudoso porque ele está muito enfermo e não mais participa das atividades da vida cotidiana. E fui sucedido pelo meu compadre que acabou de perder a Dulcinha, sua esposa, Jorge Konder Bornhausen, na Presidência Nacional do PFL.

Essas são reminiscências do passado, de saudades, que eu trago hoje com o meu coração já explodindo nesta tribuna.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Elmano Férrer. Bloco/PODE-PI) - Agradecemos o pronunciamento do nobre Senador Hugo Napoleão.

Antes de passar a palavra ao penúltimo orador, permitam-me fazer dois registros.

O nobre Senador Cristovam Buarque nos enviou uma mensagem nos seguintes termos: *“Eu gostaria muito de estar presente nesta sessão. Lamento não poder. Peço que abrace todos os presentes, especialmente os nobres acadêmicos da Academia Piauiense de Letras. Cristovam Buarque”*.

Também quero fazer o registro da presença, no plenário, do ex-Prefeito de Campo Maior, o nobre jovem — se assim me permite — João Félix Filho.

Concedo a palavra ao grande amigo e nobre Desembargador Carlos Augusto Pires Brandão, do Tribunal Regional Federal da 1ª Região.

O SR. CARLOS AUGUSTO PIRES BRANDÃO - Bom dia a todos.

Inicialmente, eu devo fazer uma confissão, antes de saudar a Mesa e esta ilustrada audiência. Eu estava tranquilo aqui na extremidade da direita, quando a Governadora nos disse o seguinte: *“Fui tomada de surpresa, pois vou fazer um pronunciamento”*. Assim os demais foram avisados. Então, eu disse: *“Mas você é muito inteligente e vai se sair bem”*.

Há 2 ou 3 minutos, eu fui tomado não de surpresa, mas de um verdadeiro impacto com essa missão de, pela primeira vez, assomar à tribuna do Senado — o que é uma honra para qualquer brasileiro —, em que pontificou o nosso grande jurista e homem de Estado Ruy Barbosa. Sob essas vistas de Ruy Barbosa, humildemente terei que me fazer de grande e, num momento tão importante, num momento marcante para a vida literária e cultural brasileira, expressar as minhas impressões desse pouco talento de que sou detentor.

Farei isso com uma dificuldade maior, por ter que deixar um pequeno registro depois de falar um homem ilustrado e versado em diversas línguas: o Governador, Ministro, Deputado e Senador Hugo Napoleão. É uma covardia! (Riso.)

Espero vestir as tradições das lutas há pouco lembradas pelos que me antecederam, as lutas que o Piauí desenvolveu.

Saúdo o Senador Elmano Férrer e o Deputado Federal Paes Landim e manifesto os nossos agradecimentos por essa lembrança, por esse oportuno momento de saudar o verbo, a palavra que se expressa na Academia Piauiense de Letras nesses 100 anos.



Também quero saudar a Senadora Regina Sousa, nossa querida amiga e companheira de inúmeras viagens; a Governadora Margarete Coelho, que é casada com o meu primo Marcelo do Egito Coelho; o meu conterrâneo Francisco Lucas Costa Veloso, Presidente da Seccional do Piauí da Ordem dos Advogados do Brasil; o nosso professor e mestre Nelson Nery Costa, Presidente da Academia Piauiense de Letras, filho de Ezequias Costa e da Sra. Maria da Glória Nery Costa — que, para a nossa honra, abrilhanta este momento — e pai da Alice, que é bisneta do Coronel Gervásio Costa, um grande homem e um grande empreendedor, que fez diferença no Estado do Piauí. Saúdo também o amigo Senador Hugo Napoleão, de quem sou admirador, que me antecedeu e me impôs essa dificuldade agora.

A minha mãe me dizia o seguinte: *“Meu filho, não perca as oportunidades, sobretudo as oportunidades de falar”*. Sempre temos alguma coisa para dizer. Quando se fala da Academia, os pensamentos se estendem. Portanto, eu não poderia perder este momento.

A Academia é muito presente na vida do Estado do Piauí. A cultura realiza. A Academia é o estuário da cultura piauiense.

Senador Elmano Férrer, lembro-me de um episódio em que eu, afastado do movimento pela recuperação do Rio Parnaíba, encontrei, na Academia Piauiense de Letras, o Prof. Felipe Mendes falando sobre aquele rio. Eu fui prestigiar o professor e lá encontrei mais dois participantes desse movimento. Somos poucos os que estamos há 20 anos tentando proteger a bacia do Rio Parnaíba. Com o eminentíssimo Deputado Federal Paes Landim, participamos da criação do Parque Nacional das Nascentes do Parnaíba, com a ajuda da Academia Piauiense de Letras.

Nesse encontro com o Prof. Felipe Mendes, disseram-me que tínhamos que retomar o movimento, que estava muito parado. A partir daquele dia, começamos a Comissão Pró-Comitê da Bacia do Rio Parnaíba. Recentemente, houve um decreto presidencial criando o Comitê da Bacia do Parnaíba. Esse é o exemplo de que uma casa centenária, ao reunir pessoas de bem e lideranças, propicia a novidade, a criação e o experimentalismo para o Estado.

Esse é um dado que trago em homenagem também ao meu tio, o Prof. Wilson de Andrade Brandão, que presidiu a Academia Piauiense de Letras. Na época, eu ajudei muito a Profa. Maria de Lourdes Nunes Brandão, que era muito exigente e estava sempre à frente de tudo. Ela se envolveu muito com a construção do auditório, e nós a ajudamos naquela ocasião.

A minha presença também se dá porque vi que, entre os que participavam desse seletíssimo grupo sob a liderança de Lucídio Freitas — esse talento que se despediu da vida com 26 anos, mas deixou esse legado ao Estado — estava presente um magistrado, que era Fenelon Castelo Branco.

Então, recebi essa incumbência como uma missão de transcendência para registrar a voz do magistrado que sou, em homenagem à Academia Piauiense de Letras.



A Academia tem um destino de grandeza, com o qual temos que colaborar. Há um projeto a que o Prof. Nelson Nery não fez referência, mas que eu gostaria de comentar. Trata-se da construção de um memorial, sob o desenho da Dra. Lavínia Brandão Costa, que todos nós temos que ajudar.

À época em que o Meduna ainda estava edificado e não havia aquele *shopping*, eu sempre visitava a estátua do Dom Quixote de la Mancha e observava a grandeza do Clidenor, que, ao fincar a estátua naquele local, não o fez num lugar qualquer. O monumento foi colocado sobre um bloco de hígido mármore que trazia uma frase do Presidente Sarney, que foi ao Piauí exclusivamente para a inauguração dessa estátua de Dom Quixote, que eu admiro.

Conversando com o Prof. Nelson sobre Clidenor de Freitas Santos, eu soube desse memorial, que representa uma expressão da cultura do Piauí.

Prof. Nelson, nós estamos à disposição da Academia. Acredito que agora todos aqui o ajudaremos, tendo conhecimento dessa importante obra, porque Teresina é muito carente desses espaços. Nós vimos a dificuldade que foi fazer, na Justiça Federal naquele Estado, um centro de cidadania e cultura, o CENAJUS. Visitamos a Fundação Banco do Brasil com o Fernando Conde Medeiros, e até cobrei do Deputado Heráclito Fortes: *“Deputado, a Fundação tem que ajudar o Estado. Temos lá o Eduardo Mourão, e ele tem que fazer alguma coisa pelo Estado”*.

O CENAJUS, que fica situado na Praça da Bandeira, talvez seja o monumento mais expressivo de um determinado templo da cultura e da arquitetura nacional. Ele foi reformado pelo bisavô do Fernando Medeiros. Minha gente, o prédio está numa situação difícil, enfrentando chuvas, tempestades, ventos, sem as devidas intercessões civis. O nosso Presidente, o Desembargador Erivan, nos garantiu que vai participar também dessa recuperação.

Então, Professor e Presidente Nelson Nery, construir mais um memorial é algo muito difícil. Já é difícil manter os que existem. Mas nós temos que apoiar essa iniciativa. Talvez a minha palavra tenha se dado apenas para fazer esse registro da nossa disposição, porque a cidadania e as instituições se apresentam agora para V.Sa.

Apresento nossos agradecimentos pela oportunidade ao Presidente da magna sessão em comemoração ao centenário da Academia Piauiense de Letras.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Elmano Férrer. Bloco/PODE-PI) - Agradeço as palavras do nobre Desembargador Carlos Augusto Pires Brandão.

Antes de conceder a palavra à nossa Vice-Governadora, registro que se encontra entre nós, no plenário, o mais jovem Juiz Federal do Brasil, o nosso querido e estimado Pedro Felipe de Oliveira Santos, que hoje serve no Supremo Tribunal Federal como juiz auxiliar.



Por último, nós temos a honra de conceder a palavra à nobre Vice-Governadora do Estado do Piauí, a Dra. Margarete Coelho, para fazer o encerramento desta solenidade.

A SR^a MARGARETE COELHO - Muito bom dia a todos e a todas.

Eu gostaria de renovar os cumprimentos a todas as gratíssimas pessoas que estão na plateia. Já as cumprimentei pessoalmente, mas gostaria de daqui renovar esses cumprimentos a colegas advogados, acadêmicos, imortais, juristas, piauienses queridos.

Eu gostaria de cumprimentar meu querido Senador Elmano Férrer, componente da Mesa, e, conjuntamente com ele, estender os cumprimentos a esse grande Deputado do Estado do Piauí, o meu querido amigo Deputado Paes Landim, principalmente porque ele representa a minha região. Eu digo sempre que os são-joanenses o reivindicam, mas nós que somos de São Raimundo Nonato temos a certeza de que o coração dele é completamente são-raimundense.

Quero cumprimentar também essa grande mulher, essa grande piauiense, a Senadora Regina, que aqui em Brasília tem honrado todas as mulheres do Piauí e do Brasil com um mandato íntegro, participativo, proativo, em diálogo com a sociedade civil organizada, com as instituições, com as mulheres e todos os seus movimentos. Há uma polifonia Brasil afora, mas a Senadora consegue decifrar cada um desses palcos de debate e tão bem aproveitá-los em nosso favor.

Ao mesmo tempo, Sra. Senadora, eu já agradeço, em nome de todas as piauienses, a honra de tê-la aqui nesta Casa do Povo e digo que, da minha parte, terá todo o meu empenho para que este ponto de fala permaneça com V.Exa.

Eu gostaria também de cumprimentar o nobre Desembargador do Tribunal Regional Federal da 1^a Região, Carlos Augusto Pires Brandão, este grande jurista e também grande humanista, este homem que tem levado e elevado o ensino jurídico do Piauí à formação de tantos jovens nesta linda missão que ele acumula: a de ser mestre e professor. Talvez esta seja a sua mais nobre missão, nobre Desembargador.

Eu quero cumprimentar também o Presidente da Casa da Cidadania do Piauí, Sr. Chico Lucas, meu colega advogado. É uma honra enorme dizer que eu estou emprestada para a política, porque o meu ofício é ser advogada.

Eu quero cumprimentar também o nosso querido amigo Presidente da Academia Piauiense de Letras, Sr. Nelson Nery Costa, que tem feito um brilhante trabalho na Presidência desta Academia, desta Casa de Imortais, que tem — eu não diria sacodido a poeira, porque ali não se juntou poeira, porque ali se juntou, durante anos, muita sabedoria, muito estudo, muita produção literária e um enorme apoio à história do Piauí — sabido superar esse desafio, deixando a sua marca e o seu legado perante essa Casa de Imortais.



Eu quero cumprimentar também um membro da Academia Piauiense de Letras e sempre, sempre, sempre nosso Senador, nosso querido amigo, colega de profissão, pessoa com quem eu tenho tido os mais produtivos colóquios nessa minha passagem pela advocacia, que também me honra por me considerar da sua família afetiva. Eu fico muito feliz e muito agradecida por esta generosidade sua com a minha pessoa, Sr. Senador Hugo Napoleão.

Dizia eu, há pouco, diante dos discursos que nos antecederam, ao Desembargador Carlos Augusto Pires Brandão, da dificuldade que era para nós dois — confessada por ele, da minha parte não percebi absolutamente qualquer dificuldade nesse sentido — de assomarmos à tribuna neste momento depois de tantos discursos, e discursos, como diz a liturgia, lidos.

Afinal de contas, esta é uma sessão solene, uma sessão comemorativa do Centenário da Academia Piauiense de Letras, nós devíamos todos ter nos debruçado sobre a história, sobre a importância dessa Casa para o povo piauiense, para a nossa história, para a piauiensidade e para o povo brasileiro, porque o Piauí não está fora do Brasil.

Embora ele esteja numa Nação que se considera apartada, que é a Nação Nordeste, o Piauí está ali no coração da Nação. E eu diria, pedindo licença a todos que de mim discordarem, que o Piauí está ali no centro dessa Nação Nordeste, naquilo que há de mais raiz, de mais profundo da Nação nordestina, tendo em vista que o Piauí consegue agregar e congregar tudo o que há de nordestino no Brasil. E faz isso com muito orgulho, faz isso com muita altivez, faz isso com galhardia, faz isso com muito orgulho.

Então, estar aqui neste momento, nesta tribuna, pela qual já passaram tantos oradores brilhantes, e nesta missão tão nobre, que é a de representar o nosso Estado, o Estado do Piauí, no momento em que uma das suas instituições mais significativas comemora o centenário, realmente é um grande desafio para mim. Mas eu sou sertaneja, e sertaneja não foge aos desafios, meu querido Senador Elmano.

Mesmo que seja tremendo por dentro, nós nos fazemos de firmes e fortes, como aprendemos a fazer desde cedo — não é, Senadora Regina? —, para fazer bonito, para fazer o melhor. E é assim que eu gostaria de me dirigir a todos neste momento.

Reconhecer a importância da Academia Piauiense de Letras para o Estado do Piauí é reconhecer o óbvio, não havia nenhuma necessidade disso. Também estar aqui a recitar a sua história, a rememorar tantos e tantos momentos importantes em que essa Casa se destacou na história do Piauí, também seria descabido, principalmente diante de tantos discursos que nos antecederam e que os fizeram com tanta propriedade e com tanta competência.

Eu gostaria de destacar também o discurso da Senadora Regina pelo fato de S.Exa. ter marcado um momento tão importante da história da



humanidade no ano de criação da nossa Academia e de lembrar que a nossa Academia foi uma das primeiras do Brasil.

Trata-se de uma Academia feita por um moço, com moços e para moços; para jovens, não só de idade, mas para jovens de espírito, para jovens no sentido de estarem abertos para o novo, de estarem abertos para a inovação, de estarem abertos para demonstrarem gestos de coragem no momento em que a humanidade passava por grandes desafios, talvez por seus maiores desafios, por um ponto de virada.

Falar da Academia Piauiense de Letras é falar da palavra. E eu sei que não há nenhuma menção a isso, mas o Prof. Lenio Streck gosta de falar da palavra como a pá que lavra. Não há no radical, na etimologia desta palavra, esse significado, mas ele, na sua grandiosidade e certamente com a licença poética que lhe é merecida, traz essa reflexão.

E eu trago também essa reflexão para lembrar a importância da palavra, não só da palavra escrita. Mas é a esta a que se dedica a nossa Academia, e, por isso, a ela me refiro para dizer da importância dela não só em preservar, mas também em fomentar o estudo dos nossos costumes, da nossa história. Essa coleção comemorativa do centenário, fruto dessa mente privilegiada do atual Presidente, Prof. Nelson Nery Costa, traz não só a parte literária dos nossos escritores piauienses, mas também a história, a geografia e, como eu vi recentemente, o livro publicado, tão inovador naquele momento, tratando de metodologia científica.

Então, este é um momento muito fecundo da nossa Academia. E eu gostaria de parabenizar todos que estão neste momento a usar essa pá que lavra em favor da nossa cultura, em favor da nossa história e em favor da piauiensidade.

Eu já ouvi certas vezes — e é uma frase extremamente repetida, e é uma frase, por isso mesmo, de muitos autores, e agora, em tempos de Internet, esses equívocos parecem que estão cada vez mais frequentes ou a Internet nos deixa percebê-los com mais frequência — que a Academia cumpre aquele papel de preservar o passado, de fomentar o presente e de preparar o futuro.

Esta frase já foi pronunciada das mais diversas formas, mas ela é tão pertinente sempre, ela é tão verdadeira que é sempre atual.

Então, eu deixo aqui a todos os acadêmicos representados, aos que estão presentes e aos que estão ausentes a minha homenagem. E também me junto a todos quanto homenagearam aqui o grande Herculano Moraes, meu conterrâneo, uma pessoa com quem eu tinha um relacionamento de muita afetividade, e rendo a ele a nossa homenagem.

Eu justifico a ausência do nosso Governador Wellington Dias. As agendas atualmente estão muito exigentes, e nós temos nos desdobrado e temos procurado — nesse propósito que fizemos desde o início desta gestão — fazer uma gestão compartilhada, estar presentes onde o Piauí nos



solicitar, mesmo que para isso, algumas vezes, nós precisássemos estar, como precisamos agora, em dois lugares diferentes para cumprir esse papel.

Agradeço a oportunidade que a Academia e o Presidente desta sessão me deram de estar nesta tribuna, uma tribuna que orgulha todos os brasileiros, uma tribuna de tanta importância na nossa história.

Agradeço a todos que atentamente me ouviram dedicando uma atenção que, é claro, é fruto do cargo que ora ocupo. Mesmo assim, eu tomo de empréstimo esta generosidade para a minha pessoa, para a pessoa desta mulher, desta sertaneja, que nunca na vida pensou em estar nesta tribuna, mas que hoje vai poder voltar para casa e contar para as suas filhas, e depois para os seus netos e netas, este momento tão importante da minha passagem por essa história do Estado do Piauí.

Muito obrigada a todos pela atenção e pela generosidade. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Elmano Férrer. Bloco/PODE-PI) - Nós estamos chegando ao final desta linda sessão magna.

Nesta oportunidade, eu queria fazer um agradecimento especial aos que compõem a Mesa, ao nosso querido e estimado decano do Parlamento piauiense neste Congresso, o nosso querido e estimado Deputado Paes Landim.

Registro que recebemos o Livro do Centenário, da Academia Piauiense de Letras. Vamos fazer constar dos Anais desta Casa, sobretudo na biblioteca. Nós sabemos que vamos receber mais cinco exemplares e vamos dar a eles o melhor destino possível, para que fiquem arquivados e armazenados na nossa história. Este livro é de autoria do nosso estimado Nildomar da Silveira Soares, que foi o organizador desta obra. Agradeço mais uma vez ao estimado Presidente Nelson Nery.

Ao concluirmos a sessão, nós queríamos agradecer a todos os que contribuíram para — eu me permitiria dizer — a grandeza desta solenidade. Quero cumprimentar e agradecer a presença do nosso estimado Carlos Augusto Pires Brandão e do nosso decano Deputado Paes Landim.

Eu faço um agradecimento muito especial à nossa Vice-Governadora Margarete Coelho, que sempre está presente em acontecimentos como este, na ausência do nosso estimado Governador, cuja ausência compreendemos.

Eu faço um cumprimento muito especial à minha querida e estimada Senadora Regina Sousa, ao nosso grande Presidente Nelson Nery Costa, que, com certeza, muito realizará ainda pela nossa grande Academia. Eu quero cumprimentar também o nosso estimado Chico Lucas, Presidente da OAB, e o nosso querido e sempre estimado amigo Senador Hugo Napoleão.

Eu faço um agradecimento muito especial aos membros da Academia aqui presentes, registrando mais uma vez o nome do Presidente Nelson Nery Costa, do nosso membro permanente desta Casa e meu querido Senador Hugo Napoleão.

Eu cumprimento os nossos três valorosos acadêmicos presentes. Cumprimento o nosso Pedro da Silva Ribeiro, a quem fizemos o convite



quando estivemos na Academia, e o nosso estimado Jonathas de Barros Nunes, que nos deu de presente, aliás, um grande assessor, o Jonathas, Professor da UESPI — Universidade Estadual do Piauí e também integrante do quadro do Senado Federal, um brilhante engenheiro que está nos ajudando muito e ajudando o nosso Piauí também. Por último, eu quero registrar a presença honrosa do nosso acadêmico Afonso Ligório Pires de Carvalho.

Eu faço um agradecimento muito especial à nossa Assessoria, que tanto fez para a realização deste evento, e também às nossas estimadas colegas da Secretaria da Casa.

Que continuemos tendo um compromisso maior com o nosso Estado, que merece. Eu tenho certeza de que todos têm contribuído para o seu crescimento, sobretudo para o seu desenvolvimento.

Que Deus acompanhe a todos!

Declaramos encerrada a presente solenidade. (*Palmas.*)

(Levanta-se a sessão às 13 horas e 23 minutos.)